



DE SILÊNCIAMENTO E SUPEREXPOSIÇÕES: OS CAMINHOS DA PORNOGRAFIA NO PENSAMENTO FEMINISTA

Léa Menezes de Santana¹
Lindinalva da Silva Rubim²

RESUMO

A proposta do artigo é apontar para as diferentes vozes nos discursos sobre a pornografia dentro das distintas correntes do pensamento feminista e o que levou à construção de uma pornografia feminista. O debate, que se inicia nos anos 1970, tratou dos valores associados à pornografia, como fez também considerações sobre as consequências que o consumo de tais materiais traria para as mulheres. No centro do debate estavam feministas mais próximas do pensamento radical, que entendiam a pornografia como a mais cruel materialização do patriarcado, responsável por incitar à violência sexual contra as mulheres e objetificar a sexualidade feminina em prol da satisfação do macho; e pensadoras pró-sexo, mais próximas dos movimentos feministas liberais, que defendiam haver um grande potencial a ser explorado na prática pornográfica, este só não havia ainda sido descoberto.

Palavras-chave: feminismo; pornografia; cultura.

1. Introdução

Falar em sexo é, geralmente, complicado. Tratar de pornografia, especialmente, traz um desconforto tal que o tom da conversa é quase sempre jocoso. Já nos meios intelectuais, o tema aparece com certo desgosto ou com surpresa, “você vai mesmo tratar deste assunto?” Pelo menos esta foi a minha experiência nas primeiras oportunidades de discutir meu projeto de pesquisa: as pessoas não pareciam acreditar que a pornografia pudesse ser tema de uma dissertação de mestrado, muito menos num programa de estudos com viés feminista.

¹ Formada em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (2004). Foi assessora de comunicação no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher e no Projeto Pathways of Women's Empowerment. Mestranda no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), com pós-doutorado pela Universidade de Buenos Aires (2006). É Professora Associada Nível I da Universidade Federal da Bahia.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Depois da incredulidade, a segunda demonstração de meus/minhas interlocutores/as era de curiosidade. Como a pornografia poderia ser um caminho de libertação da sexualidade feminina? Só por ser escrito por mulher os roteiros teriam um diferencial? Pornografia feminista, em especial, só poderia ser uma contradição de termos, nunca um objeto de investigação, a não ser que meu argumento fosse o de desmascarar a farsa. Sendo a pornografia uma danosa concretização da dominação falocêntrica, responsável pela objetificação da mulher como mercadoria para o desejo masculino; considerando ainda que o feminismo é uma política de libertação das mulheres, um instrumento de luta para o empoderamento e emancipação feminina, deveria haver uma incompatibilidade nos termos, portanto, nunca poderia haver uma pornografia feminista.

De forma geral, a pornografia sempre foi vista como um tema controverso, como uma forma suja de pensar em prazer sexual. Segundo Elaine de Moraes e Sandra Lapeiz, a palavra “pornografia” se origina do termo grego *pornographos*, ou seja, escrita sobre prostitutas. Na sua concepção original, o termo refere-se aos costumes, descrição da vida e dos hábitos das prostitutas e sua relação com seus clientes (MORAES e LAPEIZ, 1984, pag. 109). A primeira aparição da palavra “pornografia” e seus derivados em um dicionário foi registrada em 1857, no *Oxford English Dictionary* (KAMPF, 2008). Originalmente utilizada como instrumento de contestação, de crítica às autoridades religiosas e políticas, a pornografia foi transformada em instrumento de banalização do sexo. No final do século XVIII a pornografia passou a ser instrumento de incitação e prazer sexual tanto por conta da popularização da escrita e das técnicas de impressão quanto pela necessidade, ainda política, de demarcar as diferenças sexuais. No calor das reviravoltas sociais e culturais causadas pelos movimentos revolucionários setecentistas, os produtos pornográficos se resignificaram, passando a ter o perfil que até hoje reconhecemos, isto é, como propagadores de estereótipos de gênero e sexualidade.

A feminista Susan Bordo (1997) afirma que nosso corpo é um texto da cultura. Tal afirmação nos remete a clássica frase de Beauvoir “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” uma vez que sinaliza para o fato dos nossos corpos serem também

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



controlados e “adestrados” com um propósito. O gestual, o vestuário, os cuidados e limitações que impomos aos nossos corpos não só são ditados pelo nosso entorno, como também descrevem e afirmam as nossas identidades. Identidades estas que vão se constituindo ao longo da existência dos sujeitos e para o qual o processo de socialização é fundamental. Já GuaciraLouro (2000, p. 443) ao apresentar o cinema como uma pedagogia cultural – explicitando como este veicula comportamentos, valores, ideias acerca do ser homem e do ser mulher, sobre sexualidade -, frisa a importância desta arte nos processos de normatização dos indivíduos.

O mesmo ocorre nas mídias de massa que, dentro do contexto da globalização da informação, funcionam como agentes principais de disseminação da cultura contemporânea, auxiliando na formatação de comportamentos das sociedades. Nesta perspectiva, “com o advento do cinema e da televisão, as normas da feminidade (sic) passaram cada vez mais a ser transmitidas culturalmente através do desfile de imagens visuais padronizadas” (BORDO, 1997).

2. Mulheres assistem pornografia sim!

Em uma primeira pesquisa exploratória, observando filmes encontrados em vídeo locadoras ou sites de conteúdo pornográfico, nota-se uma série de convenções de performances sexuais. De forma geral existe uma ênfase no que se entende como uma beleza hegemônica: corpos jovens e bem torneados, com aparência saudável. Percebe-se que o público mais bem servido pelos filmes pornô, mesmo os voltados para público heterossexual, é o masculino, visto que “o exercício da sexualidade entre corpos do mesmo sexo tem preponderância entre mulheres e seu sentido ainda corresponde a uma mesma lógica: torne-se prática aceita e estimulante de um certo desejo voyeur masculino” (GREGORI, 2004:08). Mesmo em cenas entre mulheres existe um ritual, uma encenação quase sempre tendo uma das participantes assumindo a posição masculina (a de dominação e penetração). Não é sem razão que o ponto clímax de diversas produções

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



pornográficas é o orgasmo masculino³, enquanto que o orgasmo feminino, quando explicitado, é mais um componente para a satisfação do parceiro em cena.

Apesar do cenário descrito, o mercado pornográfico tem-se expandido nos últimos anos, inclusive tendo um número crescente de espectadoras do sexo feminino⁴. Em diferentes reportagens encontramos a afirmação de que o Brasil é hoje o país que mais produz pornografia na América Latina e é o 16º maior produtor do mundo (em primeiro lugar está a China), movimentando 100 milhões de dólares em 2006⁵. Segundo a empresa de consultoria Nielsen em apenas um ano cresceu 30% o número de mulheres que consomem pornografia online, no Reino Unido, e, nos Estados Unidos, elas representam 30% da audiência dos filmes adultos na internet. No Brasil, o IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa - afirma que 28% do público dos sites adultos é feminino⁶.

Nesta perspectiva, abriu-se um novo nicho: a pornografia feita para mulheres, na maioria também produzida e dirigida por mulheres, auto intitulada de pornografia feminista. Diretoras desta linha apontam que seus filmes são diferentes por buscarem a igualdade da importância do prazer de todos os envolvidos no ato, sejam homens ou mulheres; com diferenciações na estética e roteiros, procurando criar situações em que as mulheres pudessem se perceber como protagonistas e não apenas coadjuvantes. O objetivo destas produções é, segundo as próprias diretoras, mostrar o ato sexual com mais respeito às mulheres.

Pensar que exista de fato um pornô feminista poderia implicar em uma desconstrução da pornografia como um produto legitimador do patriarcado. Estaríamos diante da possibilidade de uma releitura de um dos maiores ícones da opressão sexual da mulher, de novas possibilidades narrativas, além de uma possível mudança da representação da sexualidade feminina?

³ Atribui-se ao produtor John Stagliano uma sequência que se tornou clássica nos roteiros de filmes pornográficos: sexo oral, sexo vaginal, sexo anal, masturbação e ejaculação (na grande maioria das vezes, no rosto da mulher). A cena de ejaculação é também conhecida de *moneyshoot*.

⁴ Segundo recentes pesquisas um em cada três visitantes em sites de pornografia é do sexo feminino e para cada homem presente em uma sala de chat sobre o assunto, existem duas mulheres (ROPELATO, s/d).

⁵ Informação encontrada em LORENTE (2007), como também em TERRA ONLINE (2006), dentre outras.

⁶ Informação encontrada em BUSCATO (2009). Mais dados sobre o mercado de produtos pornográficos podem ser encontrada também em ABEME (s/d).



3. Uma breve história da pornografia

A pornografia como um produto cultural, tem data e local de nascimento, como também propósito e objetivo específicos. Apesar de imagens representativas do corpo humano, de órgãos sexuais ou cenas de sexo estarem presentes em diversos momentos e locais na história das civilizações, o termo pornografia só passou a ser definido da forma como hoje o entendemos e difundido a partir do século XIX (HUNT, 1999). As primeiras representações de práticas e órgãos sexuais foram encontradas há cinco mil anos. Ainda no Egito antigo já se viam desenhos de relações, e gravuras de sexo entre homens estavam estampadas em cerâmicas gregas. As estampas japonesas ancestrais também mostram imagens de jogos eróticos e na América pré-colombiana foram encontradas figuras antropomórficas com enormes falos, enquanto que um grande número de cenas de orgias decora o templo de Lakshmana, na Índia.

O que em uma sociedade e época é comum e banal, para outras culturas pode ser considerado grosseiro e perigoso. Também as justificativas para a censura dos conteúdos pode variar. Em alguns momentos da história ocidental as representações sexuais explícitas sofreram censuras religiosas, sendo taxadas como imorais ou blasfêmias; censuras políticas são vistas como imagens subversivas.

O primeiro dicionário a registrar o termo *pornografia* ou suas derivações foi o *Oxford English Dictionary*, em 1857. Até o final do século XVIII a pornografia era uma forma de contestação, de crítica às autoridades religiosas e políticas. A partir da popularização da escrita e das tecnologias de impressão iniciadas no século XIX, a pornografia tomou o rumo mais comercial e passou a ser difundida mais amplamente, já com o objetivo de produzir excitação e prazer sexual. (KAMPF, 2008).

Ainda como instrumento de contestação, a pornografia sempre teve como principal alvo a elite masculina e urbana. Com a Revolução Francesa entra em pauta discursos mais populistas o que ampliou o consumo para as classes trabalhadoras. Outras mudanças aconteceram entre os séculos XVIII e XIX, causadas pelos novos

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



ideais e padrões morais da época. Era necessário, portanto, marcar a diferença entre os sexos, na vida política e social, e isto pode ser percebido também na narrativa pornográfica (KAMPF, 2008).

Em meados do século XIX inicia-se a perseguição moral aos textos pornográficos, devido ao seu caráter obsceno, justamente quando as camadas mais populares, não só as elites mais abastadas, passam a ter acesso a tais conteúdos. O ponto de partida de tal preocupação foi dado pela nova tecnologia de impressão do século XVI, que colocou em circulação reproduções baratas, criando um mercado para as publicações do obsceno. Assim, a tradição pornográfica que se inaugurou na Europa a partir do Renascimento, caracterizou-se pela difusão de imagens e palavras que feriam o pudor, fazendo da representação explícita do sexo seu ponto central (PRADA, 2010).

Se durante a antiguidade as imagens de representações sexuais eram uma forma de celebração da vida, de exaltação da fecundidade, de louvor aos deuses, na Idade Média, o mais importante eram os personagens - padres, freiras, monarcas representados - com intenção de crítica aos poderes políticos e religiosos vigentes (HUNT, 1999). A partir do século XIX as imagens passam a ter uma leitura como produtos marcadamente voltados à estimulação da prática sexual.

A pornografia pode ter sido uma tentativa de transportar para o contexto literário a energia recentemente dedicada à agitação política. A tradição pornográfica francesa clássica situa a literatura pornográfica na interseção entre explicitação sexual ou obscena e divergência política. Assim, ao mesmo tempo em que essa censura foi instituída, a sexualidade foi usada para subverter o controle oficial. No início da França moderna, escrever obscenidades sobre o corpo feminino também era escrever sobre o corpo político.

Com o advento da imprensa se percebeu a expansão do público leitor urbano devido à facilidade de produção de libretos baratos. Se até então os escritos eram de acesso restrito, portanto pouco numerosos, a possibilidade de impressão abundante deu espaço ao nascimento do pornográfico enquanto gênero literário, caracterizado pela presença de imagens e/ou palavras que feriam o pudor, tendo na representação explícita do sexo a sua característica principal.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Esta nova literatura provocou profundas transformações nas formas de representar a sexualidade, com o aparecimento de novos personagens, temas e formas narrativas que vieram somar-se aos diálogos voltados para a vida das prostitutas. A literatura pornográfica expandiu-se em vertentes diversas, aproximando-se tanto da política, da filosofia, ou da medicina, quando criando um mundo à parte, completamente imaginário. (KAMPF, 2008)

Jorge Leite Jr (2012) afirma que a pornografia não existe como categoria ou obra cultural específica, mas enquanto conceito, indissociável do momento histórico em que nasceu. Os primeiros textos pornográficos veiculados na França, ao final da década de 1740, associavam-se ao romance como forma literária e objetivavam criticar a corte francesa, o rei e o clero, as forças de dominação e legislação vigentes. Neste recorte a sexualidade era usada como pano de fundo para contundentes críticas políticas (KAMPF, 2008, pag. 19). Ao final dos anos 1740, percebe-se uma mudança de uma pornografia libertina, filosófica e política para uma pornografia comercial que tem como principal objetivo, para a sua venda, produzir e incitar o prazer sexual.

No período que vai do século XVI até XVIII, a pornografia, como estrutura de representação literária visual, apresentou o corpo feminino como um objeto do prazer masculino. Os novos ideais e também os padrões biológicos e morais que se desenvolveram nos séculos XVIII e XIX exigiram a reafirmação da diferença sexual e, portanto, social e política fundamental entre homens e mulheres. Entre 1790 e 1830, a função social e a política da pornografia mudam para tornar-se um negócio comercial. (KAMPF, 2008, p. 21)

4. Críticas feministas ao cinema

Também o cinema, de uma forma geral, é visto como um território masculino e a crítica feminista ao cinema utiliza-se da psicanálise para justificar tal afirmação. Laura Mulvey, ainda em 1975, já se inspirava nos escritos de Freud para explicar como o cinema “reflete, revela e até participa da interpretação heterossexual socialmente estabelecida da diferença sexual que controla as imagens, as formas

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



eróticas de olhar e observar”. Na mesma corrente de Mulvey, Kaplan (1983) defende que o cinema e a psicanálise nasceram de uma mesma estrutura social e capitalista surgida no final do século XIX que exigia a criação de um artefato capaz de libertar o inconsciente como também de uma ferramenta de análise que “compreendesse e ajustasse os distúrbios causados por estas estruturas restritivas”. Ela também indaga como a psicanálise pode ser útil para entender a nossa socialização dentro do patriarcado e de como os filmes comerciais se constituíram em modelo capaz de “satisfazer os desejos e necessidades criados pela organização familiar do século XIX”.

Kaplan avança na discussão alegando que o cinema hollywoodiano usa os mitos patriarcais para posicionar a mulher como o *Outro*, dando especial destaque ao gênero melodrama - que ela afirma ser destinado às mulheres, tal qual o faroeste seria uma gênero destinado aos homens - na função de limitar e educar as mulheres a aceitar tais restrições como naturais. Por outro lado, teríamos o cinema alternativo como um terreno fértil para o nascimento de um novo cinema, radical tanto no sentido político quanto estético, visto que desafia noções básicas dos filmes mainstream. Tal transformação não seria uma rejeição moral ao último, mas uma ênfase nas formas como as preocupações formais cinematográficas refletem as obsessões psíquicas da sociedade que o produz, e que o cinema alternativo reage contra tais obsessões e noções básicas. (MULVEY, 1999)

Neste momento podemos ver uma aproximação entre o cinema e a pornografia, que explicaria tão bem este casamento. Há uma leitura da pornografia, proveniente da ala radical do feminismo, que a vê como um produto legitimador do patriarcado. A mais fervorosa defensora desta linha de pensamento, a americana Andrea Dworkin afirma, em seu texto *Whypornographymatterstofeminists* (1981), que “pornografia significa que a mulher é uma coisa; pornografia significa que ser usada como coisa preenche a natureza erótica da mulher; pornografia significa que mulheres são coisas que os homens usam”. A também americana Catharine MacKinnon, sua mais freqüente parceira na luta anti-pornografia, defende que, nas sociedades contemporâneas, não apenas a pornografia é uma indústria de massas que explora sexual e economicamente a desigualdade entre homens e mulheres

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



visando o lucro como também institucionaliza a sexualidade da supremacia masculina. O modo como as mulheres são representadas é, na verdade, a forma como os homens as vêem e definem seu comportamento.

5. Um breve histórico da pornografia feminista

Enquanto movimento cultural ou mesmo como gênero fílmico, a pornografia feminista não tem um data ou marco definitivo, mas têm-se como indicação as primeiras produções pornográficas dirigidas por mulheres no início da década de 1980 sendo as americanas Annie Sprinkle e Candida Royalle as primeiras diretoras a serem mencionadas quando se busca um histórico do pornô feminista. As duas diretoras são norte americanas, nascidas nos anos 1950, e trabalharam como atrizes na indústria pornô. Também são, ambas, assumidamente feministas, tendo feito parte de coletivos e movimentos pela emancipação feminina, como eram conhecidos os grupos feministas nos anos 1980.

Sprinkle nasceu na Pensilvânia, em 1954. Começou a trabalhar em filmes pornográficos como assistente de estúdio em 1973 mas logo passou também a atuar. Ao perceber que muitos(as) atores/atrizes estavam infectados pela AIDS e notando a falta de atenção da indústria pornô para com a infestação, Sprinkle passou a criar vídeos educacionais na tentativa de envolver a indústria na luta contra o HIV. Em 1981, produziu e estrelou o filme *Deep Inside Annie Sprinkle*, descrito⁷ como

innovative for its time, as it showed the women as sexual aggressors, focused on the female orgasm, and Annie spoke directly into the camera to the viewers from the heart. It also garnered much attention from scholars of sex, academic artists and filmmakers, who saw the film as a new form of pornography—one that transcended the limitations of the genre. It introduced issues such as female ejaculation, sexual roles, the power of pleasure. (ANNIESPRINKLE.ORG(ASM)⁸

⁷Retirado da seção About Annie > The Sprinkle Story.

⁸ Inovador para a época por apresentar mulheres como sexualmente agressivas, focar no orgasmo feminino e Annie falava diretamente para a câmera, para os espectadores. Ele também recebeu muita atenção de estudiosos do sexo, artistas acadêmicos e cineastas, que viram o filme como uma nova forma de pornografia – forma tal que transcendeu os limites do gênero. Ele introduziu questões como a ejaculação feminina, papéis sexuais, o poder do prazer. (Tradução livre.)



Em 1983, em parceria com as também atrizes pornôs Veronica Hart, Gloria Leonard, Kelly Nichols, CandidaRoyalle, e Veronica Vera, Sprinkle criou o Club 90, que começou como um grupo de apoio, um espaço para mulheres que trabalhavam na indústria pornográfica falarem sobre suas vivências.

De acordo com Gloria Leonard, se o objetivo do movimento feminista é dar às mulheres o máximo de liberdade e a possibilidade de quebrar tabus, então todas as integrantes do Club 90 eram feministas(FUENTES & SCHRAGE, 1987). O que era apenas uma reunião entre amigas acabou por virar uma trupe artística. As integrantes do Club 90 foram as primeiras atrizes pornográficas a discutir suas experiências dentro da indústria pornô como também foram as primeiras pessoa a falar concretamente sobre pornografia feminista.

Em 1984 o coletivo de artes feminista *CarnivalKnowlegde*, interessado em debater temas relacionados à sexualidade feminina, organizou o festival *The SecondComing*, e convidou o Club 90 a debater a possibilidade de uma pornografia que não fosse degradante às mulheres e aos homens com a pergunta 'existe uma pornografia feminista?' (PUCKERUP!). A resposta do Club 90 foi uma performance intitulada *DeepInsidethePorn Stars*, inspirada em suas reuniões e discussões conjuntas.

DeepInsidethePorn Stars tratou de assuntos políticos tais como o fato de cenas de sexo entre lésbicas não serem consideradas pornográficas, portanto não eram pagas por algumas produtoras de filmes adultos. Usando a estrutura baseada nos grupos de consciência feministas muito comuns nos anos 1980, a performance levantava a discussão sobre o que seria pornográfico ou não pornográfico nas representações da sexualidade feminina, como também sobre o quão destruidora ou libertadora seria a pornografia para as mulheres que trabalhavam no mercado.

Em entrevista publicada em abril 1987, na revista *JumpCut*⁹, Veronica Hart afirma que a parceria entre o Club 90 e o coletivo *CarnivalKnowlegde* foi a primeira

⁹ Foi encontrada versão online em <http://www.ejumpcut.org/archive/onlinessays/JC32folder/PornWomenInt.html>



oportunidade de trabalhar diretamente com o movimento feminista de uma forma colaborativa.

That's why it's so important that we're in this group, because it's the first time we've ever been invited to work with feminists — which I think most of us consider ourselves to be — in a thing about pornography. All of the contact I've had with feminists was always anti-porn. They wouldn't even discuss porn.¹⁰ (FUENTES & SCHRAGE, 1987)

Dentre as participantes do coletivo Club 90 saiu também a segunda diretora conhecida como pioneira da pornografia feminista: CandidaRoyalle. Em 1984, ela dá início à *FemmeProductions*, com o objetivo de produzir filmes do ponto de vista feminino e que pudessem ser divertidos além de promover modelos positivos para que casais pudessem assistir juntos. *“I really want to start getting into films that are more directed toward women viewers. I've already written two scripts with my husband. I see them as basically pro-women scripts, while still being commercial”*¹¹ (Royalle, em entrevista a FUENTES & SCHRAGE, 1987).

A revista *OnOurBacks*, também em 1984, foi lançada por um grupo de ativistas participantes do movimento pró-sexo das *Feminist Sex Wars*, encabeçado por Susie Bright, MyrnaElana e Deborah Sundahl. No ano seguinte o grupo lançou também uma produtora, a *FataleVideo*, com intuito de produzir e distribuir vídeos pornográficos para lésbicas. Era o início de uma produção de mulheres e para mulheres, com interesse em alcançar um público normalmente esquecido pelas produtoras de pornografia tradicional. Esta produção mostra os rudimentos que, mais tarde, seria agrupado na categoria pornografia feminista.

6. Apontamentos finais

¹⁰ “Por isso é tão importante estar neste grupo, porque é a primeira vez que fomos convidadas a trabalhar com feministas - o que eu acredito que a maioria de nós nos consideramos como – em algo sobre a pornografia. Todo o contato que eu tive com feministas sempre foi anti-pornografia. Elas nem sequer discutem pornografia.” (Tradução livre)

¹¹ “Eu realmente queria entrar na [produção de] filmes direcionados a mulheres espectadoras. Eu já havia escrito dois roteiros com meu marido. Eu os vejo basicamente como roteiros voltados para mulheres, mas ainda comerciais.” (Tradução livre.)

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Se entendemos a proposta feminista tal qual define Adelman (2005) como produções “que se orientam pelo desejo de dar voz às experiências diversas das mulheres, de criar novos códigos de representação do masculino e do feminino e de pôr à descobertas as formas – as mais evidentes e as mais ocultas – em que o poder e a dominação masculinos se reproduzem” (ADELMAN, 2005:224), percebemos que a pornografia pensada por esta comunidade cumpre bem as expectativas. Os filmes buscam trabalhar com fantasias que levam em consideração o ponto de vista feminino, têm roteiros pensados a partir da sugestão das próprias atrizes, como também de conversar entre as diretoras/roteiristas e suas audiências.

Um ponto que merece especial atenção é quanto à perspectiva de gênero adotada pelas produções da pornografia feminista. Apesar de termos trabalhado apenas com mulheres diretoras, a pornografia feminista não é pensada apenas por e para mulheres. Contrariando o título desta pesquisa, os roteiros são pensados também para público masculino, para homens que buscam alternativas aos roteiros tradicionais oferecidos pelo mercado. Esta preocupação fica clara já nos primeiros filmes produzidos por CandidaRoyalle, que apresenta seus filmes como produção ‘para casais’. Royalle também é enfática ao informar sobre o retorno positivo que recebe de seus espectadores masculinos.

A produção da pornografia feminista é inovadora por ser a concretização da entrada das mulheres em uma área de produção culturalmente dominada por homens, tanto nas questões técnicas quanto pelos discursos produzidos. Escrever sobre nós mesmas é a possibilidade de sermos produtoras de nossas histórias e sujeitos dos nossos destinos, especialmente quando o fazemos a partir de uma postura ideológica e política. Ainda de forma iniciante, a pornografia feminista tem servido como mais um instrumento para o crescimento de um pensamento crítico sobre a sexualidade e, conseqüentemente, para o alcance da tão almejada emancipação feminina.

REFERÊNCIAS

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



ABEME – Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual. Disponível em <<http://www.abeme.com.br/>>. Acesso em agosto de 2010.

ADELMAN, Miriam. “Vozes, olhares e o gênero do cinema”. In: FUNCK, Susana Bornéo. WIDHOLZER, Nara. (org.). *Gênero em discursos da mídia*. Florianópolis: Ed. Mulheres. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alisson M; BORDO, Susan R. (org). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos tempos, 1997.

BUSCATO, Marcela. CandidaRoyalle: “Quero que os homens vejam”. Revista Época, online. Abril de 2009. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI67802-15220,00-CANDIDA+ROYALLE+QUERO+QUE+OS+HOMENS+ASSISTAM.html>>. Acesso em 15 de agosto de 2010.

DWORKIN, Andrea. *Pornography: Menpossessingwomen*, 1989. Disponível em <http://www.nostatusquo.com/ACLU/dworkin/PornIntro1.html>. Acesso em 18 de outubro de 2012

FUENTES, Annette & SCHRAGE, Margaret. Deep inside porn stars. Jump Cut, no. 32, April 1987, pp. 41-43. Disponível em <<http://www.ejumpcut.org/archive/onlinessays/JC32folder/PornWomenInt.html>> Acesso em março de 2013.

GREGORI, Maria Filomena. “Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M”. In: GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana.; CARRARA, S. (Org.) *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



KÄMPF, Rachel. Para uma estética na pornografia. 2008. 77 f. ; Dissertação (mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008. Disponível em http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/93879_Raquel.pdf. Acesso em 19 de Agosto de 2010

KAPLAN, E. Ann, A mulher e o cinema – os dois lados da câmera. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

LEITE JR, Jorge. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. CaderosPagu [online]. 2012, n.38. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n38/n38a04.pdf>. Acesso em 04 de outubro de 2012.

LORENTE, María. A indústria clandestina do sexo. Centro de Mídia Independente. Abril de 2007. Disponível em <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/04/378453.shtml?comment=on>>. Acesso em agosto de 2010.

LOURO, Guacira Lopes (org). O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. PP. 125-150

MACKINNON, Caterine A. Towards a Feminist Theory of the State. Harvard University Press, 1989

MCELROY, Wendy. XXX: A Woman's Right to Pornography. St. Martin's Press. New York, NY, 1995

MORAES, Eliane Robert. & LAPEIZ, Sandra Maria. O que é pornografia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



MORGAN, Robin. Theory and Practice: Pornography and Rape. En: P. Lederer, Take Back the Night: Women on Pornography. New York: Morrow, 1980.

MULVEY, Laura. "Visual Pleasure and Narrative Cinema." *Film Theory and Criticism: Introductory Readings*. Eds. Leo Braudy and Marshall Cohen. New York: Oxford UP, 1999: 833-44

PATEMAN, Carole. El contrato sexual. Barcelona: Anthropos. 1995

PINTO, P., NOGUEIRA, M. C. & OLIVEIRA, J. M. Debates Feministas Sobre Pornografia Heteronormativa: Estéticas e Ideologias da Sexualização. 2010.

PRADA, Nancy Prada. ¿Quédecimoslas feministas sobre lapornografía? Losorígenes de un debate. In: La manzana de ladiscordia, Enero - Junio, Año 2010, Vol. 5, No. 1: 7-26

PRECIADO, Beatriz. Mujeres en los márgenes. *El País*, Madrid, Janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/semana/Mujeres/margenes/elpepuculbab/20070113elpbabese_1/Tes> Acesso em outubro de 2012.

_____. Multidões *queer*: notas para uma política dos "anormais". *Rev. Estudos Feministas*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 19, n.1, p.11-20, jan./abr. 2011.

ROPELATO, Jerry. Internet Pornography Statistics. Top Ten Reviews. Disponível em <<http://internet-filter-review.toptenreviews.com/internet-pornography-statistics-pg2.html>> Acesso em agosto de 2010.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the `political economy' of sex” In: R. Reiter (ed.), *Toward an Anthropology of Women*, New York: Monthly Review Press,1975, p. 157-210.

_____. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In Vance, C. S. (Ed.) *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Boston, Routledge. 1984

VANCE, Carole. Pleasure and Danger: towards a politics for sexuality. In Vance, C. S. (Ed.) *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Boston, Routledge. 1984

TERRA ONLINE. Brasil é líder em consumo pornô. Julho de 2006. Disponível em < <http://entretenimientoar.terra.com.ar/oscar/2009/interna/0,,OI1078772-EI6594,00.html> > Acesso em agosto de 2010.